

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: Pacto Amazônico  
Data: 03.07.78 Pg.: 3 22

## Venezuelano defende união do Continente

Brasília — "Nós não fazemos caso das intrigas internacionais que tradicionalmente têm dividido a América Latina. Há potências mundiais, países desenvolvidos em várias partes do globo, que temem a união do continente latino-americano, por terem a consciência de que somos intelectualmente tão capazes quanto eles, e que temos, principalmente, recursos naturais que eles estão precisando agora mais do que nunca".

A afirmação foi feita ontem pelo Chanceler da Venezuela, Simon Alberto Consalvi, ao ser indagado, minutos depois de desembarcar na base aérea de Brasília, se o Pacto Amazônico, uma iniciativa brasileira, não colocaria o Eil à frente da Venezuela na liderança do continente.

### O destino

O Sr Consalvi acusou os Estados Unidos, os países da Europa ocidental, o Mercado Comum Europeu, "e até a República Popular da China" pela "distância" que existe entre os países da América Latina, afirmando que "se nós, inteligentemente nos unirmos sem essas fantasias de falsos líderes, ocuparemos o lugar a que temos direito no cenário mundial, cumprindo assim o nosso destino".

Indagado se o Pacto Amazônico, que será assinado hoje por Chanceleres de oito países, não trará benefícios maiores para países de economia mais forte como o Brasil e a Venezuela, o Chanceler Consalvi disse: "Primeiro não creio que haja tanta diferença entre os países. Não acredito também que o tratado subregional amazônico trará maiores benefícios para o Brasil e a Venezuela. Num vimos esta iniciativa sob este ponto de vista. As vantagens do tratado, tal como foi elaborado nas diversas reuniões, tem o objetivo, justamente, de abrir possibilidades para que todos os países que dele participam sejam beneficiados".

O Sr Consalvi assegurou que problemas bilaterais entre vários países que integrarão o Pacto não dificultarão o seu sucesso, e voltou a culpar outros países pelos desacertos que existem no continente. "O problema que temos com a Guiana, por exemplo, não foi

criado nem por nós nem por eles. Foi-nos deixado pelo colonialismo que durante muito tempo dominou a América Latina. O que está ocorrendo na África agora, por exemplo, é consequência do colonialismo, da forma absurda como os países da Europa ocidental dividiram os países da África", afirmou o Sr Consalvi.

### Bolivia

O Chanceler da Bolívia, Oscar Adriazola Valda, que também chegou ontem a Brasília, declarou que o Tratado de Cooperação Amazônica, que será assinado hoje por oito Chanceleres latino-americanos, "não é, de maneira alguma, uma alternativa para a mediterraneidade da Bolívia".

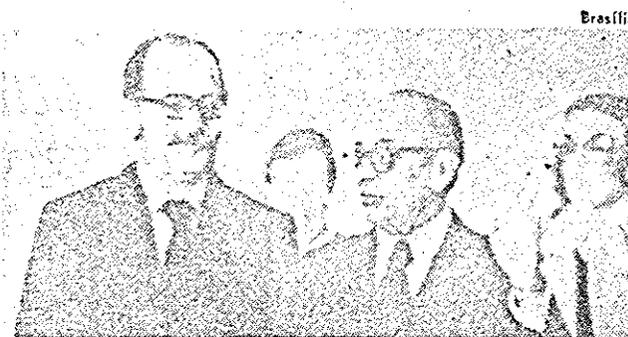
"A mediterraneidade é a nossa principal preocupação. Sem dúvida o Tratado vai nos facilitar a saída para o Atlântico, através da livre navegação dos rios mas, reitero, não constitui uma alternativa para esta nossa principal preocupação", afirmou o Sr Valda.

O Chanceler boliviano revelou que carta enviada pelo Presidente Hugo Banzer ao Presidente Geisel, há três dias, continha um pedido para que o Brasil coopere com o seu país na dragagem do Canal de Tamengo, para que se possa construir ali o Porto de Quijaju.

Chegarão hoje a Brasília os chanceleres do Peru, Colômbia e Suriname, para participar, às 17 horas, da assinatura do Tratado, no Palácio do Planalto. Ontem chegaram os Chanceleres da Venezuela, Bolívia, Equador e Guiana.

O programa oficial dos oito Ministros começará às 17 horas, no Palácio do Planalto, onde ouvirão um discurso do Presidente Ernesto Geisel, e elegerão um representante para saudar o Chefe de Estado brasileiro. Depois da assinatura do documento, à noite serão homenageados com um banquete pelo Chanceler Azeredo da Silveira, no Palácio do Itamarati.

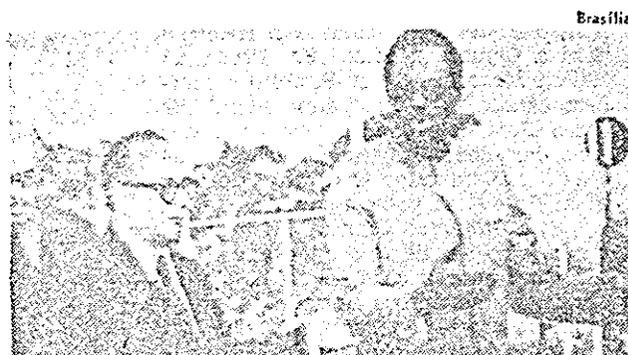
Amanhã, participarão da primeira reunião do Pacto Amazônico, no Ministério das Relações Exteriores, sendo em seguida condecorados com a Grã-Cruz do Cruzeiro do Sul pelo Chanceler Azeredo da Silveira.



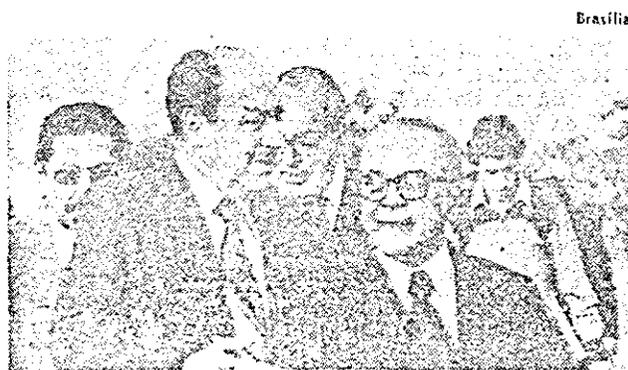
Brasília  
Silveira recebeu os Chanceleres da Venezuela, Simon Consalvi...



Brasília  
... o do Equador, José Ayala Masso...



Brasília  
... o da Guiana, Rashleigh...



Brasília  
... e o da Bolívia, Oscar Adrezola

### Lindoso pede instrumentos

Futuro Governador do Amazonas, já com plano de Governo quase elaborado, o Senador José Lindoso (Arena) disse ontem estar desconfiado que o Tratado do Pacto Amazônico virá somente enriquecer a literatura do gênero se não existirem instrumentos que o efetivem nos campos da ciência, da pesquisa e do comércio.

O Pacto tem, a seu ver, uma grande importância porque demonstra que o Brasil está se convencendo, cada vez mais, de que não é apenas uma Nação atlântica ou do Prata. Voltando-se para a Amazônia, onde tem uma convergência de interesses com vários outros países, ele assegura a ocupação e o desenvolvimento de uma região fundamental.

Como Governador, o Sr Lindoso pretende estar mais do que atento ao Pacto Amazônico e às responsabilidades brasileiras em sua concretização. A Universidade Federal do Amazonas caberá uma função decisiva, como a de equacionar o uso racional dos recursos naturais, com a imprescindível preservação do equilíbrio ecológico.

Sem conhecer ainda os detalhes do Pacto Amazônico, o futuro Governador do Amazonas acha que será relativamente fácil incrementar o comércio com os países fronteirizos, abrindo-se um mercado para a produção industrial da zona franca de Manaus. Em relação ao Amazonas, com influência em toda a região, ele pretende:

- 1) Interiorizar a economia, estimulando a implantação de indústrias nas sedes municipais;
- 2) Promover uma reformulação fundiária para que as famílias rurais sejam proprietárias das terras em que trabalham;
- 3) Estruturar um fluxo demográfico ordenado para receber, de outras áreas, trabalhadores e empresários, ocupando os espaços vazios;
- 4) Desenvolver a piscicultura como opção para melhoria do consumo alimentar.

Favorável ao Pacto Amazônico, o Sr Lindoso acha que o interior precisa ter um esquema de desenvolvimento ordenado e integrado, o que ampliará o relacionamento com os países vizinhos.